

O feitiço da palavra: a religião como poesia em Rubem Alves

Luana Martins Golin¹

Introdução

No texto *Sobre deuses e caquis* (1987), logo no primeiro parágrafo, Rubem Alves se queixa da forma como o seu texto foi redigido. Ele pede desculpas ao leitor/a por ter escrito um livro tão chato e diz que foi obrigado a escrever de acordo com o rigor acadêmico, de maneira impessoal, como se fosse escrito por todos e por ninguém. Ao final do livro, novamente, um alerta ao leitor/a: “leiam este texto *pensando no poema que poderia ter sido*, mas não foi. Bem que quis ser poema, mas não sabia como, e nem pôde...” (Alves, 1987, p. 27) A impressão que Rubem Alves passa é de que na poesia/poema há certa liberdade e fruição que escapam quando são transformadas em prosas dissertativas e argumentativas.

Sinto-me diante de um dilema parecido: estamos em um evento acadêmico, entretanto, o tema e a inspiração para a minha fala é a poesia e a religião. Dois elementos que escapam à razão e que tocam a nossa existência, o nosso corpo, o nosso mundo, a nossa fé e a nossa compreensão de Deus. Por isso, não é impessoal.

Já tem mais de uma década que estudo literatura, mais especificamente, Dostoiévski. Foi graças ao escritor russo que conheci alguns autores e poetas que me instigaram e me fizeram pensar na possibilidade de a religião ser poesia. Isso mesmo. A religião e a teologia não são, necessariamente, racionais, doutrinárias, dogmáticas e sistemáticas. Pelo contrário, podem ser livres como a palavra poética, como pássaros sem gaiolas, como palavra coisa que cria um “outro” mundo e nos permite transcender. Sim, a religião é poesia! Para me ajudar a discorrer melhor sobre o tema, chamarei para o diálogo o nosso querido Rubem Alves.

1. Deus – Poesia – Verbo e Saudade

Se uso a palavra Deus é como metáfora poética, nada que eu conheça, o significante que nada significa, a não ser o espaço vazio onde aparecem as minhas nostalgias e onde se coloca o dizer poético. De Deus só temos o Verbo, Poema, coisa que se diz quando a saudade dói... (Rubem Alves)

A partir desta provocativa afirmação de Rubem Alves, quero destacar algumas palavras importantes para nossa reflexão: 1) Deus; 2) Poesia; 3) Verbo; 4) Saudade.

Falar sobre *Deus* é difícil, pois estamos diante do limite da linguagem. Na tradição judaica, Deus é tabu. Nome impronunciável. A linguagem não consegue definir Deus. Os místicos e a teologia negativa (ou apofática) perceberam que diante do “Outro” só é possível calar, num silêncio absoluto. Tentamos definir Deus por aquilo que Ele não é. Pois, toda afirmação acerca Dele, pode ser uma idolatria, uma projeção daquilo que os humanos pensam

¹ Teóloga, mestra e doutora em Ciências da Religião. Professora de teologia na Universidade Metodista de São Paulo. Professora do curso de pós-graduação em Religião e Cultura, do Centro Universitário Assunção (UNIFAI). Desenvolveu pesquisa doutoral interdisciplinar nas áreas de religião e literatura em Dostoiévski. Possui experiências nas seguintes áreas: linguagens da religião; religião e literatura. E-mail para contato: luana-martin-golin@gmail.com.

ser a divindade. Nós pensamos Deus, ou Deus nos pensa (e por isso o pensamos) ... Rubem Alves concorda que a linguagem é limitada, quando tenta definir Deus: “Deus é o mistério sobre o qual nada se pode falar. Ele está além da palavra. O que temos é um horizonte inominável. Idolatria é pretender capturar o inominável numa gaiola de palavras para, assim, dominá-lo, torná-lo previsível” (ALVES, 2015, p. 77). Nessa direção, Rubem Alves diz: “Deus nos deu asas do pensamento para voar, os homens nos deram as gaiolas da religião” (ALVES, 2015, p. 83). É por isso que ele afirma que “Deus não é um objeto de pensamento. É objeto de *degradação*. Provai e vede que Deus tem gosto bom...” (ALVES, 2015, p. 81). Deus passa a ser experimentado, como uma experiência mística.

Rubem Alves não nega a existência de Deus, porém, O vê de uma maneira muito peculiar. Deus pode não existir fora de nós, metafisicamente. Mas sentimos *saudades* de Deus. Sentimos falta. Sentimos a ausência:

Teologia não é coisa de quem acredita em Deus mas de quem tem *saudades de Deus*. Acreditar: sei que Deus existe em algum lugar. Ah! Se não existir, tudo estará perdido... Ter saudade: mesmo que não exista lá fora, no meio das nuvens ou no fundo do mar, eu o mantenho como ‘pedaço arrancado de mim’... (ALVES, *sobre deuses e caquis*, 1987,p.4)

Temos curiosidade de Deus. Sonhamos com Deus e então nos tornamos poetas. Aqui começamos a adentrar no terreno da *poesia*. “Para pensar sobre Deus não leio os teólogos, leio os poetas” (Alves, 2015). A poesia é uma via de acesso, uma “outridade”, ou seja, um abrir-se para si e para o Outro. A poesia vai além da razão. Ela tem acesso às profundezas e a caminhos que jamais se chegariam por vias, estritamente, racionais. A poesia cria outros mundos. E aqui, chamamos Octavio Paz (2012) para essa conversa. Veja o que ele diz acerca da poesia:

A poesia é salvação. (...) A poesia revela este mundo; cria outro (...) Prece ao *vazio*, diálogo com a *ausência*. (...) Oração, ladainha, epifania, *presença*. Exorcismo, conjuro, *magia*. (...) Experiência, sentimento, emoção, intuição, pensamento não dirigido. (...) Linguagem primitiva. (...) Loucura, êxtase, logos. (...) *Nostalgia* do paraíso, do inferno. (...) revelação, *dança*, diálogo, monólogo. (...) *O poema é uma máscara que oculta o vazio* (PAZ, 2012, p.21).

Assim como Deus, “o poema é o que está além da linguagem. Mas isso que está além da linguagem só pode ser alcançado por intermédio da linguagem” (PAZ, 2012, p.31). Tanto Deus como o poema estão, simultaneamente, *além da* linguagem e *na* linguagem. A experiência poética é um ir além, é algo a mais. “E esse algo mais não é explicável pela linguagem, embora só possa ser atingido por ela. Nascido da palavra, o poema desemboca em algo que a transpassa. A experiência poética é irreduzível à palavra e, não obstante, só a palavra a expressa” (PAZ, 2012, p.117). Linguagem é poesia. Somos feitos de palavras. Assim, o que nos resta e o que efetivamente somos é linguagem.

Deus é poeta – Ele cria por meio do feitiço da palavra mágica, da palavra=coisa. Deus-Poietés, Deus que cria mediante a palavra, verbo em movimento que gera existência ao inexistente. Encontros de beleza, poesia e vida. Há algo em comum entre o poeta e Deus, ou algo divino no poeta. A religião pode ser muitas coisas, dentre elas, poesia. *Deus poeta e religião como poesia*. Steiner (2005) afirma: “No coração do processo criativo, há um paradoxo religioso. Nenhum homem é mais inteiramente lavrado à imagem e semelhança de Deus ou mais inevitavelmente do que Seu desafiante, *o poeta*”. Deus e o ser humano concor-

rem, ambos são poetas e criadores. Rubem Alves dirá que “as palavras podem ser matéria-prima com que se constroem mundos” (ALVES, 1992, p.57). Assim, a linguagem é uma criação constante de mundos alternativos. A religião se expressa em linguagem poética e ficcional. O poema é uma possibilidade aberta, criadora de mundos, geradora de sentidos.

Rubem Alves discorre sobre o valor da *linguagem poética*. O crítico literário canadense Northrop Frye (2004), amparado por outros autores, dividiu e classificou a história da linguagem em três fases. 1) Hieroglífica – uso poético da linguagem; 2) Hierática – uso filosófico e alegórico da linguagem e 3) Demótica – uso descritivo, utilizado principalmente na linguagem científica e racional. A primeira fase, aquela que mais nos interessa para essa discussão, refere-se ao uso poético da linguagem.

Essa primeira fase é marcada por uma *espécie de magia* ou *feitiço*, pois as palavras têm poder. Pela palavra é possível criar, curar e trazer à presença: “Toda poesia é um ato de feitiçaria cujo objetivo é tornar presente e real aquilo que está ausente e não tem realidade” (ALVES, 2015, p.227). Encontramos este exemplo de linguagem metafórica no relato da criação, em Gênesis 1. Deus cria por meio da palavra, a palavra nomeada se materializa e ganha existência. É como uma palavra mágica pronunciada. Rubem Alves cita o seguinte exemplo: Deus diz “Paraíso!”, e um jardim de delícias aparece; a bruxa diz “sapo!”, e o príncipe se transforma em sapo. “O signo e o objeto eram o mesmo. (...) Falar era [re] criar o objeto aludido. As palavras carregavam poderes e valores mágicos. Por isso, o poeta é também um mago. Ocorre uma inter-relação entre coisa e nome. Assim como o Elohim de Gênesis 1 e o Adão de Gênesis 2, a missão do poeta é nomear o mundo. O poeta não descreve, mas apresenta, recria, revive. A poesia é o lugar onde nomear é ser; onde nomes e coisas se fundem e são o mesmo; onde se diz o indizível e o paradoxo. Poetizar é criar com palavras, nomear o que só existia como ameaça, vazio e caos. As palavras não estão nos esperando, mas é preciso *criá-las e inventá-las*. “Os poetas sempre reconheceram que poesia e magia são irmãs gêmeas”.

A linguagem, nesta primeira fase é concreta e metafórica e *a metáfora é o principal instrumento da poesia e da religião*. Outra característica importante a ser destacada é a *presentificação*. Este tema foi muito bem desenvolvido pelo escritor alemão Gumbrecht, que nos apresenta o conceito de presença ou epifania, em contraponto à cultura do sentido. Lembrei-me de quatro exemplos que traduzem esta presença.

1) C.S. Lewis, em *As crônicas de Nárnia*, dedica um capítulo à criação de Nárnia. O leão Aslam canta e com a nota da música/palavra as coisas vão surgindo, como num passe de magia. Conseguimos ouvir o som do leão e imaginar aquele lugar nascendo por meio do canto. Há uma relação direta, não mediada, entre a música e as coisas que são criadas:

2)

Todo esse tempo, prosseguiram a canção do Leão e seu majestoso caminhar. (...) Polly achava a canção cada vez mais interessante, pois começara a perceber uma ligação entre a música e as coisas que iam acontecendo. Quando uma fileira de abetos saltou a uns cem metros dali, sentiu que os mesmos estavam ligados a uma série de notas profundas e longas que o Leão cantara um segundo antes. Quando ele entoou uma sequência de notas rápidas e mais altas, não ficou nada surpresa ao ver primaveras surgindo por todos os cantos. Com um indescritível frêmito, teve quase certeza de que todas as coisas ‘saíam da cabeça do Leão’. *Ouvir a canção era ouvir as coisas que ele estava criando*: olhava-se em volta, e elas estavam lá (LEWIS, 2009, p. 60 – Grifo meu)

Veja como é possível cantar e dançar o poema!

2) O segundo exemplo é a eucaristia. Metáfora perfeita. Pão é corpo. Vinho é sangue. “Tomai e comei, *este é o meu corpo*” é presença. Toda vez que o rito da eucaristia é repetido, o passado torna-se presente. Cristo presente no pão e no vinho. Rubem Alves fala da palavra que se come, ou teofagia. Neste caso, experimentamos, no sentido mais literal (e canibal!) possível, Deus. Esta é a cosmovisão medieval/mágica do sacramento da eucaristia. Na tradição protestante, nega-se o poder mágico da transubstanciação e adota-se uma compreensão mais racional e simbólica. O pão deixa de ser o corpo. O vinho deixa de ser o sangue. Ambos passam a ser símbolos. O pão e o vinho *remetem* ou *simbolizam* o corpo e o sangue. A mudança doutrinária é reflexo de uma mudança de linguagem.

3) O terceiro exemplo é uma anedota citada por Rubem Alves:

Conta-se que uma senhora perguntou a Beethoven, depois de haver ele executado ao piano uma de suas composições. “Que queria o senhor dizer com esta peça?”. “O que queria eu dizer? É muito simples”. Assentou-se ao piano e executou-a novamente. A peça não *significa* nada. Ela não se encontra no lugar do *apenas símbolo*. *Ela é a coisa* (ALVES, 2005, p.65 – Grifo meu)

3) O quarto e último exemplo é a figura de Jesus Cristo, Verbo/Palavra encarnada. Palavra que se fez corpo. A palavra se encarna e vira poesia. Rubem Alves exemplifica essa dinâmica da palavra, recriando um novo prólogo para o Evangelho de João:

4)

Cristologia: um poema que se recita diante do Vazio. E eu imagino que um novo prólogo para o evangelho de João poderia ser escrito (...)
Antes que todas as coisas existissem
havia o silêncio.
E então, repentinamente,
ex nihilo
uma Palavra foi ouvida,
e o mundo começou...
No vazio, versos,
universos,
“[...] e eles falaram –
Como poetas
Como mágicos,
Como amantes,
Como teólogos,
Porque teologia é a Palavra falada diante do vazio,
Como uma invocação do Ausente...
Moramos no esquecimento (ALVES, 2003, p. 54-55; grifos do autor).

Criamos estórias e as palavras ganham carne, vida e existência. Há também ressurreições de palavras, de mundos. O poder mágico das palavras é uma qualidade divina compartilhada com os mortais:

Estórias: estruturas concretas construídas com *palavras-coisas* que jogamos no mundo. E, uma vez lançadas no mundo, essas coisas – se verdadeiras ou não é irrelevante – fazem o mundo diferente. (...) A palavra se defronta conosco como um corpo; o *Verbo* se encarna” (ALVES, 2005, p.66 -grifo meu).

Com o passar do tempo, a palavra poética foi perdendo espaço, principalmente, a partir do pensamento filosófico e analítico. No lugar da presença, surgiu o sentido. A palavra deixou de ser a própria coisa e passou a ser um signo que representava algo. Deixamos a metáfora e adentramos o campo da metonímia, das mediações, dos significados. Na metáfora não há separação entre sujeito e objeto (isto é aquilo); na metonímia ocorre a nítida distinção entre o sujeito e o objeto (isto representa, ou está no lugar daquilo). Entre as coisas e seus nomes se abria um abismo. Coisas e palavras se separaram e passamos a conhecer, então, os símbolos e a analogia da segunda fase, pautada pela racionalização e pelo dogma:

A teologia protestante nasceu quando o poder mágico-poético da Palavra foi redescoberto e democratizado. Cada indivíduo deveria ler as escrituras da mesma forma como se lê um poema, na solidão, sem vozes intermediárias de interpretação. (...) Mas logo as exigências do poder perceberam que a liberdade do Vento é perigosa, porque ele sopra onde quer e não onde nós queremos. (...) imagens se transformaram em dogmas, metáforas tomaram a forma de doutrinas, a poesia foi reescrita como “confissões”. (...) Em oposição à liberdade selvagem da palavra poética, o protestantismo inaugurou um programa hermenêutico que tem por objetivo preencher todos os espaços vazios [lacunas] onde a voz do Estranho pode ser ouvida. (...) O que está em jogo é a ‘redução do sentido a um único sentido’, a transformação da poesia em prosa: essa é a gênese da teologia científica. Uma vez terminado o trabalho, uma vez preenchidos todos os vazios com o conhecimento, descobrimos que a Palavra perdeu seu poder para ressuscitar os mortos (ALVES, 2003, p. 134-135; grifos do autor).

O fundamentalismo se revela na linguagem. Ele não tem reticências nem pontos de interrogação. Só pontos finais e pontos de exclamação. Com ele não se pode escrever poemas. Porque os poemas vivem dos silêncios que há nos interstícios das palavras (ALVES, 2015, p. 146). Rubem Alves caminha na direção oposta ao fundamentalismo, pois destaca o valor da palavra livre, polissêmica, polifônica, incapaz de ficar aprisionada nas amarras do sentido único. Para ele, a religião está no âmbito da poesia, na primeira fase, e não pode ser reduzida à ciência e à razão. A religião é muito mais poesia do que ciência. Deus não é um objeto para ser estudado e analisado, daí a própria incongruência do sentido etimológico do termo teologia ou estudo de Deus. Qual mortal estaria qualificado a perscrutar a divindade? Para Rubem Alves, a religião não é coisa séria e sisuda.

Religião é imaginação, voo do amor para a terra da fantasia, onde habitam o possível e o impossível, e o milagre que torna possíveis os impossíveis, a gravidez das estereis e das virgens, a ressurreição dos mortos (...) saudade de uma presença que se busca (...) “Comei, bebei, meu corpo, meu sangue ... Assim anunciais a morte do Senhor até que venha. (...) Ora, só pode voltar quem não está presente. Símbolo

de uma ausência, confissão de um amor, de uma saudade, de uma fidelidade, de uma espera” (ALVES, 2009, p.39-40)

A saudade é a lembrança de algo ou alguém ausente. Sentimos saudades de pessoas que não estão mais conosco: daqueles/as que estão distantes ou que já morreram; sentimos saudades de épocas passadas: da infância, da adolescência, do filho/a pequeno/a que já cresceu, do gosto da comida da avó que já partiu, do cheiro da pessoa amada, do sorriso de alguém. A saudade alegre e dói. Ela é a busca da presença em meio à ausência. Porque nos falta é que sentimos saudades. A saudade também combina com a nostalgia e o vazio.

Temos saudade de um estado anterior, de uma unidade primitiva que fomos separados e que teimamos em voltar uma e outra vez. O sagrado, o amor e a poesia nos ajudam a acessar este “outro” lugar. Temos saudades de paraísos perdidos. A saudade nos dá asas da imaginação, dos sonhos, das fantasias. “E a gente *vai inventando o real*, construindo o mosaico, experimentando com as cores (...) *enchendo os espaços vazios com as criaturas da fantasia*, e o nosso avesso vai aparecendo, terrível e maravilhoso” (ALVES, 1987, p.10). As possibilidades se abrem e sonhamos Deus de novo, de um outro jeito. “Por isso mesmo Deus, símbolo máximo do desejo e da esperança, *não é o sinal de uma presença, mas a confissão de um vazio imenso, de uma saudade sem fim, de uma nostalgia pela plenitude*” (ALVES, 2005, p.39 – Grifo do autor)

2. “A eternidade num instante” – o tempo mítico e poético

A “história” é uma criatura do tempo. As “estórias” são emissárias da eternidade” (Rubem Alves)

“As estórias têm poder porque nelas *o tempo* passado e *o espaço* distante são metáforas do aqui e do agora. Elas *nunca* aconteceram para que possam acontecer *sempre*, em todos os lugares” (ALVES, 2003, p.103 – Grifo meu). Rubem Alves, nesta citação, dá uma indicação do tempo e do espaço míticos. As palavras poéticas não estão sujeitas à História e ao tempo. Elas são eternas tal como a temporalidade mítica. O tempo mítico, poético e literário é trans-histórico. O tempo sagrado não é medido nem sucessivo, mas é uma realidade viva. O poema é um produto histórico, que transcende a história e se situa em *outro tempo*. Antes da história e não fora da história. A história cria a possibilidade de encarnação do poema entre os seres humanos.

Na religião e na magia, o calendário não tem a finalidade de medir, mas de ritmar o tempo, acessar o tempo original, fora do tempo. O mito é, ao mesmo tempo, diacrônico (como narração histórica do passado) e sincrônico (como instrumento de explicação do presente e até do futuro).

Há uma diferenciação entre o tempo empírico e o tempo mítico: o passado mítico não é apenas o tempo anterior, mas o tempo da primeira criação, os tempos das origens, o tempo acima do tempo ou *supratempo*. Esse tempo mítico antecede o tempo empírico. Trata-se de um tempo epifânico e sagrado. O tempo poético é o tempo da eternidade. É a emanção do *kairós* no *chronos* da nossa história. Somos ritmos, somos poema e metáforas.

3. A mística do cotidiano

O misticismo ou a espiritualidade proposta por Alves é bastante imanente, com destaque para a “beleza” presente nas coisas mais simples e cotidianas da vida: Sou místico. Ao contrário dos místicos religiosos, que fecham os olhos para verem Deus, a Virgem e os an-

jos, eu abro bem os meus olhos para ver as frutas e legumes nas bancas de feira. Cada fruta é um assombro, um milagre. Uma cebola é um milagre (ALVES, 2015, p. 222).

O caminho proposto por Rubem Alves tende a abandonar ideias e categorias religiosas, no sentido dogmático e institucional. Ele *deseja*, e esta é uma palavra-chave, apreender o sagrado no momento do seu nascimento no ser humano. Trata-se de uma possibilidade poética/religiosa mais abrangente. O ato poético original é a palavra, a interpretação está em segundo plano. A poesia e a religião são experiências da nossa “outridade”, de ir além de nós e retornarmos para nós. Ir além de nós, ao encontro de nós mesmos. Transcendemos e retornamos.

A experiência do sagrado parte de uma vertigem, um incômodo, uma tormenta diante do próprio *vazio*. No abismo do vazio e do desespero, o ser humano percebe o que realmente é: contingência e finitude. Sabemos que vamos morrer, mas desejamos viver. Vida e morte coexistem. A ressurreição do corpo é um retorno à vida e não uma negação dela! Com o cheiro do fim surgem os sinais de um início permanente. “E o *fim*, pela magia do poder, se transforma em *início*: morte em ressurreição; é morrendo que nascemos para a vida eterna” (ALVES, 2005, p.48).

Rubem Alves não estava preocupado com *a outra vida* num sentido metafísico, como um local específico do pós-morte. Pois, esta *outra vida*, lá, acontece nesta vida, *aqui mesmo*. “Somos habitantes de um *outro mundo*. Não, não me entendam mal quando falo de ‘outro mundo’. Nada a ver com céu ou inferno... De novo é a Poesia” (ALVES, 1987, p.3).

Por esse motivo, ele critica com sutileza as tradições teológicas que tendem a negar o mundo, de maneira escapista: “Vejo as pessoas religiosas fecharem os olhos para orar. Elas creem que, para se ver Deus, é preciso não ver o mundo. Elas não sabem que a beleza da natureza é o espelho onde Deus se contempla” (ALVES, 2015, p. 243, grifos do autor).

Considerações finais

A religião como poesia é uma possibilidade aberta e inacabada. A religião é poesia que foi transformada em dogma. Os dogmas e as doutrinas não são a origem da religião. A religião se funda com a palavra criadora, poética. Assim como a poesia, a religião não está na categoria racional. Por isso, recorreremos às imagens e paradoxos para expressá-la. Religião se aproxima dos sonhos, das fantasias, das histórias, das narrativas, da esperança, da saudade. Rubem Alves percebeu que a palavra poética original é *presença* e *metáfora*. A transcendência, para ele, não é metafísica, mas imanente, cotidiana. As palavras constroem mundos e se encarnam.

A teopoética proposta por Alves é uma tentativa de “desengaiolar” e libertar as palavras das prisões dos dogmas, dos sentidos e da univocidade. Seus textos saborosos podem ser degustados, em uma dinâmica que une a ficção, o prazer e a reflexão. Nesse movimento ou dança das palavras, Deus ou o Sagrado se manifesta em atos de criação, como poeta.

Em linhas gerais, esta fala procurou demonstrar e aproximar a relação poética existente entre o Sagrado e o humano. Nessa perspectiva, Deus e a religião não estão classificados como um conjunto de doutrinas, normas, tradições ou confessionalidades, mas como Palavra livre, que venta onde quer e como quer.

Bibliografia

- ALVES, Rubem. *Sobre deuses e caquis*. Texto escrito em 1987. Versão em PDF.
 ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Brasiliense, 1992. 15ª edição.
 ALVES, Rubem. *Lições de Feitiçaria: meditações sobre a poesia*. São Paulo: Loyola, 2003.

- ALVES, Rubem. *A Festa de Maria*. 7ª edição. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- ALVES, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte ou o feitiço erótico-herético da teologia*. São Paulo: Loyola, 2005.
- ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Loyola, 2009.
- ALVES, Rubem. *Variações sobre o prazer*. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2014.
- ALVES, Rubem. *Rubem Alves essencial: 300 pílulas de sabedoria*. 1 ed. São Paulo: Planeta, 2015.
- FRYE, Northrop. *O Código dos Códigos: a Bíblia e a Literatura*. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.
- LEWIS, C. S. *As crônicas de Nárnia*. Ilustrações de Pauline Baynes; Tradução de Paulo Mendes Campos, Sileda Silva Steuernagel. 2.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- STEINER, George. *Depois de Babel – Questões de Linguagem e tradução*. Tradução de Carlos Alberto Faraco. 3ª edição. Curitiba: UFPR, 2005.